

Questão 1

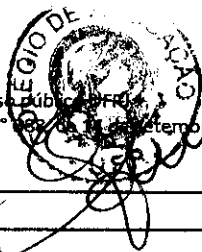
Enquanto para os filósofos clássicos - Platão, Aristóteles - há uma generalidade no tocante à possibilidade mesma de obtenção do conhecimento, não sendo esta possibilidade ulocada sob suspeita, os filósofos da época moderna arriscam fazer um caminho inverso.

Como, para os filósofos modernos, devido às mudanças ocorridas no entendimento da centralidade da ciência e acerca do seu papel emancipador, a preocupação no tocante ao conhecimento gira em torno da fundamentação das novas ciências, passa-se a especular como é possível conhecer e quem é este sujeito que conhece, assim como sobre qual é a natureza da relação sujeito-objeto na produção do conhecimento.

A partir do século XVII, a questão que ocupa os filósofos passa a ser "a verdade é possível?", em contraposição à questão que ocupava os antigos, "como o erro é possível?" (CHAUI).

Na disputa por melhor formular respostas a estas questões que estão emergindo, vemos surgir no horizonte duas tradições filosóficas: os filósofos que posteriormente foram alinhados dentro de uma corrente denominada racionalismo, tais como Leibniz e Descartes, que defendem o papel primordial da razão na construção do conhecimento científico. A razão é o instrumento cujo protagonismo permite ao sujeito cognoscente um acesso mais seguro ao objeto cognoscível.

Em divergência ~~com~~ ^{em relação a} este enaltecimento da razão vemos surgir também a corrente do empirismo filosófico. Para os filósofos empiristas, o conhecimento é construído primordialmente pelo acúmulo de percepções sensíveis, sendo estas articuladas por outras faculdades como a memória, a imaginação, e só posteriormente passíveis de serem aperfudadas pelo intelecto.



Assim como Hume e Locke, Berkeley e Quine pertencem à tradição do empirismo. Nos trechos supracitados observamos, no entanto, contrastes fundamentais de seus pensamentos que nos permitem levantar algumas questões filosóficas. Berkeley definitivamente vai na direção de romper de vez com a herança dos antigos em uma correspondência entre o mundo interior e exterior, que servira como condição do conhecimento. Formula a questão do conhecimento a partir de um sujeito, o 'espírito', cuja extensão de conhecimento não vai além das ideias formuladas no espírito, remetendo a uma espécie de empirismo solipsista. Por outro lado, Quine não opõe o abstrato ao concreto. Ao contrário de Berkeley, não reduz o visível e concreto à dimensão (espiritual) do abstrato, mas se pergunta se não seria o caso de considerar que ambos sejam mitos, uma vez que epistemologicamente são supostos culturais. Não estaria Berkeley, desta forma, abrindo uma brecha para podermos pensar a questão epistemológica para além do dualismo 'corpo-espírito', 'interior-exterior', o que permitiria aos contemporâneos pensarem não em termos de um único deslinhamento epistemológico, mas sim em uma pluralidade de perspectivas epistemológicas pertinentes a ^{diferentes} ~~os~~ universos culturais?

Questão 2

Neste trecho do livro "A lógica das ciências sociais", Karl Popper coloca uma questão primordial para a Teoria do Conhecimento, que diz respeito às condições de autonomia da ciência.

A ciência não é um campo neutro: no fazer científico está envolvida uma série de assunções, pressuposições, formulações que indicam um certo olhar ou abordagem sobre um determinado problema. A própria escolha do dito 'objeto científico' é adequada às demandas que envolvem interesses epistemológicos, políticos, sociais.

No entanto, sabemos que o campo científico deve reivindicar uma certa autonomia para evitar ser atravessado continuamente por questões concernentes ao universo

da vida prática humana. Popper defende que, enquanto no campo intra científico (que podemos identificar com a realidade cotidiana) circulam valores próprios a este universo, o fazer científico suscita questões morais relativas ao seu próprio escopo, não sendo apropriado, portanto, "embaralhar" tais domínios.

Há sempre a possibilidade de que a ciência, por um embasamento ideológico, submeta-se a uma certa moralidade ou dogmatismo que lhe subtraíam o mínimo de autonomia necessário. Os experimentos nazistas com seres humanos são um exemplo histórico do que ocorre quando a ciência sucumbe ao discurso moral em vigência.

Questão 3

A questão do ajuste do paradigma no campo científico, de acordo com a investigação que está sendo proposta, vem sendo analisada por um novo ângulo desde que Thomas Kuhn, no livro intitulado "A estrutura das revoluções científicas", destacou a inescapável dependência das construções teóricas com relação aos modelos adotados. O autor observa que as principais mudanças ocorridas no campo científico foram possibilitadas ao se reconsiderar os modelos científicos admitidos historicamente como sendo definitivos.

Neste processo de revisão da ciência, observamos como movimento concomitante a desconstrução da narrativa moderna do sujeito do conhecimento que, apoiado única e exclusivamente na confiabilidade de uma razão universal e atemporal, conduzia a investigação epistemológica em direção a um objeto que sempre ali esteve.

A razão instrumental, cujos efeitos preocupantes no moderno capitalismo foram evidenciados por Adorno na obra "Dialética do esclarecimento", partia desta crença tão fermentada na época moderna de que o ser humano é dotado de uma razão a qual, servida como instrumento cognitivo, conduziria o homem à emancipação e realização plena.

O mito da razão instrumental perde o seu poder de persuasão nos tempos atuais, uma vez que já não é mais possível ignorar a relevância da historicidade na própria formulação científica. Também a ilusão de plena objetividade cai por terra ao tensionarmos epistemologicamente as noções de 'sujeito' e 'objeto', tão centrais na tradição da Teoria do Conhecimento. A divergência entre ciências duras e humanas também passa a ser questionada, uma vez que a distinção entre os métodos empregados já não produz mais sentido. Restando a questão de como o conhecimento é possível, tendo em no despojado da fureidez dos métodos tradicionais, da rigorosidade das distinções entre campos científicos, abrimo como tendo colocado sob suspeita as formas categoriais que confabulam a moderna concepção de sujeito, talvez estejamos abrindo caminho para admitir a complementaridade de outras perspectivas epistemológicas.